

LITERATURA INDÍGENA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PROPOSTA DE RODA DE LEITURA COM O LIVRO MAQUEIRA DE TUCUM DE MÁRCIA KAMBEBA

Raurislandia dos Santos Pereira¹; **Maria Jayline Pereira da Silva²**; Wesley Barbosa Rosendo³

¹Mestranda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, email: raurislandia2000@gmail.com

²Mestranda em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, email: mjayline318@gmail.com

³Mestrando em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, email: wesleybarrosendo@gmail.com

Introdução

A presente pesquisa busca compreender o papel da literatura na formação dos sujeitos, além de discutir o uso da literatura infantil e juvenil indígena brasileira em sala de aula e, por fim, desenvolver uma proposta de círculo de leitura para turmas da Educação Infantil com o livro Maqueira de Tucum (2025), de Márcia Kambeba.

De acordo com Antonio Candido (2011) a literatura é um instrumento poderoso para a instrução e a educação do ser humano, que fazendo parte dos currículos escolares é uma ferramenta importante para o desenvolvimento intelectual e afetivo, sendo que “a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (Candido, 2011, p. 177).

Ainda segundo o autor, a literatura é um processo de humanização pois permite desenvolver a humanidade na medida em que nos tornamos mais compreensivos, abertos para a natureza, pelo convívio na sociedade e com os nossos semelhantes. Dessa forma, é fundamental trabalhar com as crianças obras e autores da literatura indígena no Brasil, sendo uma maneira para que as crianças possam conhecer os povos originários segundo, os seus modos de vida, as suas relações com a natureza, tradições e maneira de compreender o mundo, “enquanto narrativa produzida para um público mais amplo, extrapola o caráter de identidade e cria, efetivamente, uma sensação de que se está na fronteira entre dois mundos (ou entre vários mundos, se consideramos as multiplicidades dos significados que se pode extrair desta literatura) (Porto, 2023, p. 105).

Nesse sentido, é essencial estimular e promover esse contato com as obras de literatura indígena na educação, sobretudo com as crianças, pois promove aos estudantes conhecer sobre a história do país e a sua própria identidade como cidadão brasileiro. Trabalhar com essas produções indígenas em sala de aula permite que o docente ofereça aos seus alunos novas experiências de leitura, de percepções do mundo e reflexões de diversos temas que fazem parte da sociedade brasileira.

Metodologia



O trabalho adotou a metodologia da revisão bibliográfica e a abordagem qualitativa, a partir do levantamento de livros, artigos e outras produções acadêmicas que discutam o uso da literatura indígena em sala de aula. Desse modo, segundo Bogdan e Biklen (2010) a pesquisa qualitativa busca analisar os dados em sua riqueza, respeitando a forma em que foram registrados ou transcritos, outra característica importante é o interesse no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas.

A pesquisa no campo da literatura e educação exige um olhar crítico e reflexivo diante das temáticas sobre cultura e sociedade, principalmente das raízes coloniais que até hoje atravessam a produção do conhecimento dos povos indígenas e afro-brasileiros. Além da análise e discussão das obras, a presente pesquisa busca desenvolver uma proposta para a sala de aula utilizando o livro de Márcia Kambeba intitulado de Maqueira de Tucum (2025). Desse modo, a partir da leitura do livro e análise das suas ilustrações, os docentes poderão desenvolver aulas reflexivas e ricas de conhecimentos, como uma maneira de desconstruir estereótipos sobre os povos indígenas e para a descolonização do currículo escolar.

Resultados e discussão

A contribuição da Literatura para a formação humana

A leitura é uma ferramenta essencial na vida de cada indivíduo, através dela construímos um olhar crítico e reflexivo sobre o mundo e a sociedade. Desse modo, a leitura da literatura fornece elementos para desenvolver a capacidade de interpretação, comparação e formas de conhecer o mundo e a nossa própria história.

O Brasil é um país rico em manifestações culturais e literárias, em cada região existe a sua própria forma de criar e produzir a literatura, que representa o modo de vida de quem habita esses lugares. Logo, a literatura faz parte da própria construção do ser humano, pelo caráter linguístico, artístico e emancipador, não é possível separar a subjetividade dos indivíduos e a arte como um suporte para a expressão, rebeldia e da resistência por meio das palavras, sendo assim a arte é uma função humanizadora e uma ferramenta poderosa de resistência. Segundo Cândido:

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa - o Bom, o Belo, o Verdadeiro, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço de sua concepção de vida. [...] Ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, com altos e baixos, luzes e sombras (Cândido, 2002, p.83).

Assim, a literatura deve ser trabalhada diferente da pedagogia oficial que tende a contribuir com a manutenção das desigualdades sociais e servir aos interesses dominantes, ao invés disso, a literatura tem que ser também escrita e lida por diferentes sujeitos que historicamente foram excluídos e marginalizados como as mulheres, indígenas, quilombolas, negros, pessoas com deficiência e a população LGBTQIA+.

É essencial entender que, durante muito tempo em nossa sociedade, o ensino de literatura foi pensado de acordo com a lógica de pensamento do século XX, em que a literatura era utilizada como uma ferramenta para a manutenção das hierarquias e destinada apenas para a elite letrada, ou seja, era uma forma de afirmar o poder daqueles que sabiam ler e escrever em uma sociedade



com um elevado número de pessoas que não tinham acesso a alfabetização e a leitura. Conforme os escritos de Regina Zilberman (2009) o ensino de literatura integrou-se ao preceito de “transmitir regras e princípios a serem absorvidos pelos futuros cidadãos. Logo, ela veio a ser valorizada pelas obras que respondiam por aquelas regras e princípios, consagrando-se as que favoreciam e acatam as normas entendidas como paradigmáticas” (ZILBERMAN, 2009, p. 12).

Desse modo, a história da literatura brasileira é permeada por processos de embranquecimento e elitização da educação, sendo um reflexo de como a própria lei trata os que fazem parte das margens e são invisibilizados no país. Porém, na década de 1970 houve avanços no campo da educação que trouxeram melhorias na esfera legislativa e política.

Em relação ao papel do docente em meio ao poder dominante, podemos compreender o ensino de literatura e as suas funções na sociedade, pois segundo Paulo Freire (1987) “[...] temos de estar convencidos de que a sua visão do mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua situação no mundo, em que se constitui. A ação educativa e política não pode prescindir do conhecimento crítico dessa situação (p. 49). O ensino da literatura permite que os discentes possam questionar as bases históricas do país, além de aprenderem a refletir e terem um pensamento crítico sobre as ideias pré-estabelecidas por aqueles que desde o período Colonial foram os donos do poder.

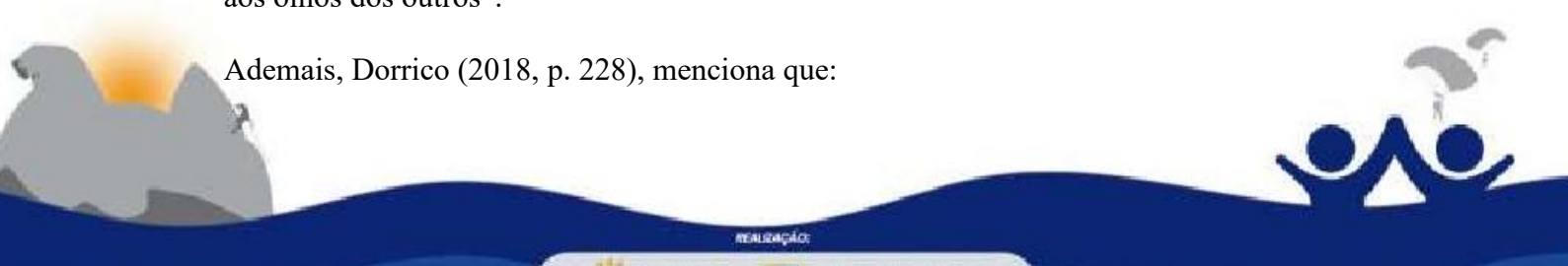
O uso da literatura infantil e juvenil indígena brasileira em sala de aula

A literatura brasileira foi, durante muito tempo, dominada por uma visão eurocêntrica, centrada no homem branco. Nesse contexto, povos indígenas, africanos, afro-brasileiros e mulheres foram frequentemente retratados de maneira estereotipada, marginalizada ou silenciada, sem acesso ao lugar de fala como autores ou protagonistas de suas próprias narrativas. Com o fortalecimento dos movimentos sociais e das discussões sobre identidade, representatividade e lugar de fala, esse cenário vem se transformando e a própria noção de literatura se amplia, passando a valorizar diferentes vozes, experiências e formas de narrar. Nesse sentido, destaca-se o crescimento da literatura de autoria indígena, que rompe com representações estereotipadas e permite que os próprios povos indígenas contem suas histórias, expressem suas culturas e afirmem suas identidades.

Nesse contexto, é importante destacar que a literatura indianista é diferente da literatura indígena. A primeira foi produzida a partir da visão do colonizador, ou seja, do homem branco sobre os povos indígenas. Nesse contexto, os indígenas não tinham voz própria, sendo representados de maneira idealizada ou estereotipada, isso pode ser observado desde a Carta de Pero Vaz de Caminha, que descreve os povos originários sob o olhar europeu. A esse respeito, Graça Graúna (2013) comenta que a concepção que se faz do índio na literatura brasileira não é indígena, mas indigenista ou indianista, o que reforçou exclusões e dominações eurocêntricas. Com isso, observamos que os povos indígenas sempre produziram literatura e narrativas, mas ao longo da história tiveram as suas vozes silenciadas.

Desse modo, a literatura indígena existe e reexistem sendo contada por meio das próprias vivências do que é ser indígena. Graúna (2013, p.3) comenta que essa literatura “implica um conjunto de vozes entre as quais o(a) autor(a) procura testemunhar a sua vivência e transmitir ‘de memória’ as histórias contadas pelos mais velhos, embora muitas vezes se veja diferente aos olhos dos outros”.

Ademais, Dorrico (2018, p. 228), menciona que:



[...] A autoria indígena revela uma potência narrativa que protagoniza o sujeito indígena na literatura e em outros segmentos, como nas artes plásticas, na música, na crítica literária, na política etc. Utilizando códigos culturais que lhes são próprios, os autores indígenas podem ressignificar a representação realizada por outrem, desde o século XIX, responsável por ossificar no imaginário da nação brasileira um estereótipo alheio e negativo sobre ele.

Desse modo, é essencial que a literatura indígena seja valorizada, lida e trabalhada em sala de aula, especialmente considerando a Lei 11.645/2008, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura indígena no contexto escolar. Nesse sentido, a inserção de obras de autoria indígena contribui para a ampliação da bagagem sociocultural dos estudantes, além de favorecer a desconstrução de preconceitos historicamente associados a esses povos. Ademais, possibilita o reconhecimento do protagonismo indígena, ao valorizar suas próprias narrativas, saberes e expressões culturais. Assim, segue abaixo uma proposta para o trabalho com a obra Maqueira de Tucum (2025), de Márcia Kambeba, em turmas da Educação Infantil ou Fundamental.

Pré-leitura
Para o primeiro momento, propõe-se uma etapa de motivação, caracterizada como um momento de pré-leitura da obra. É interessante organizar os alunos em círculo, preferencialmente sentados no chão junto ao professor. Caso a escola disponha de um espaço externo, como a área sob uma árvore, a atividade pode ser realizada fora da sala de aula, favorecendo uma experiência mais sensorial e significativa. O contato com o chão, por exemplo, contribui para ressignificar o espaço de aprendizagem e pode ser associado à ideia de conexão com a terra, aspecto relevante em muitas culturas indígenas. Nesse momento inicial, o professor pode conduzir uma conversa a partir de questionamentos sobre a obra. Algumas sugestões de perguntas são: – Pelo título Maqueira de Tucum, sobre o que vocês acham que a história vai tratar? – Vocês já conhecem a autora, Márcia Wayna Kambeba? – Observando as ilustrações da capa, o que chama a atenção de vocês? – Quem vocês acham que é a mulher representada na capa? – Qual pode ser o significado das pinturas e dos grafismos presentes em seu corpo e em sua roupa? – Vocês já viram ou conhecem esse tipo de pintura? – E o pássaro que ela carrega no braço, vocês sabem qual é? – Que outros elementos da natureza aparecem na imagem? O que vocês acham que eles representam? Além disso, o professor pode explorar também a contracapa (parte final do livro), apresentando a imagem de uma mulher e uma criança deitadas na rede, e questionar: – Qual pode ser a relação entre essa rede e a menina? Desse modo, essas estratégias ajudam a despertar a curiosidade dos alunos, ativar conhecimentos prévios e prepará-los para uma leitura mais significativa da obra.
Leitura
Para o momento da leitura, recomenda-se que o professor realize a leitura em voz alta, de

forma expressiva e pausada, garantindo que todos os alunos consigam visualizar as ilustrações da obra. Trata-se de um livro fortemente imagético, em que os elementos visuais, como desenhos e grafismos, dialogam diretamente com o texto verbal, contribuindo para a construção de sentidos. Assim, o texto não verbal assume um papel fundamental e deve ser explorado durante a leitura.

É importante que o professor organize a leitura de modo a mostrar as imagens para a turma, valorizando cada página. Caso algum aluno, de forma espontânea, faça comentários ou observações a partir das imagens ou do texto, é interessante abrir espaço para essas falas, acolhendo-as como parte do processo de construção coletiva de significados.

Após a leitura, propõe-se um momento inicial de partilha de impressões, em que o professor pode levantar questões como:

- Vocês gostaram da história?
- O que mais chamou a atenção de vocês?
- Houve alguma imagem marcante?
- Aquilo que vocês imaginaram antes da leitura se confirmou ou mudou?

Em seguida, o professor pode mediar um debate mais aprofundado, utilizando perguntas abertas que estimulem a reflexão, sem caráter rígido ou avaliativo. Algumas possibilidades incluem:

- Vocês conhecem aldeias ou comunidades indígenas?
- Sabem o significado da palavra “cunhã”?
- Já viram uma palmeira? O que acharam do nome da personagem Emoa, que remete a esse elemento da natureza?
- Na casa de vocês, alguém costuma contar histórias? Vocês têm o hábito de ouvir os mais velhos?
- Como vocês percebem a representação da personagem (cabelos, traços, beleza)?
- O que acharam da relação dela com os animais e com a natureza?
- O que vocês entendem quando o texto diz que a personagem “ancestralizou”?
- Como a história apresenta a ideia de morte? Há diferenças entre essa visão e a que vocês conhecem?
- Vocês costumam sonhar? Que importância os sonhos têm para vocês?
- Qual o significado da rede na história? Por que ela aparece associada ao bem-estar, às memórias e às histórias?
- Vocês conhecem ou utilizam rede? Sabiam que, em muitas culturas indígenas, ela possui nomes e significados próprios, além de ser feita a partir de elementos da natureza, como fibras de plantas?

Esse momento de discussão permite aprofundar a compreensão da obra, valorizar os conhecimentos prévios dos alunos e promover reflexões sobre cultura, identidade, memória e relação com a natureza.

Pós-leitura

Após o momento da leitura e da discussão, é importante propor atividades de produção que nasçam da experiência com a obra, permitindo que os alunos expressem suas interpretações de forma criativa e significativa.

Para a aula seguinte, o professor pode solicitar, previamente, que os alunos tragam elementos da natureza de que gostem, como folhas, flores ou pequenas plantas encontradas em seu cotidiano. No início da aula, organiza-se novamente a turma em círculo, e esses materiais podem ser dispostos no centro da sala, criando um ambiente de inspiração e conexão com os temas trabalhados na obra.

Em seguida, o professor pode propor que os alunos produzam desenhos a partir daquilo que

mais lhes chamou a atenção na história. Eles podem se inspirar tanto nas ilustrações do livro quanto nos elementos naturais trazidos para a sala. As produções podem abordar diferentes aspectos da narrativa, como os sonhos, os animais, a relação com a natureza, o céu, a ancestralidade ou qualquer outro elemento que tenha sido significativo para cada estudante. Durante esse momento, é importante que o professor circule pela sala, escute os alunos e incentive a expressão individual, sem impor modelos prontos. Após a finalização dos desenhos, pode-se organizar um mural coletivo na sala de aula, reunindo todas as produções. Esse mural funciona como uma forma de valorização do trabalho dos alunos e também como registro visual das diferentes leituras e interpretações construídas a partir da obra e da cultura indígena.

Essa proposta contribui para o desenvolvimento da sensibilidade estética, da criatividade e do vínculo dos alunos com a leitura, além de reforçar os temas trabalhados, como natureza, memória, cultura e identidade.

Conclusões

O presente trabalho teve como objetivo discutir o uso da literatura durante a formação dos indivíduos, sendo uma ferramenta importante para o desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo e para o reconhecimento da história dos povos indígenas. Ademais, durante o trabalho discutimos a literatura indígena brasileira em sala de aula e o seu impacto na sociedade e, por fim, desenvolvemos a proposta para a utilização do livro *Maqueira de Tucum* (2025) de Márcia Kambeba em turmas da Educação Infantil.

Desse modo, a leitura de obras e autores indígenas é fundamental para a descolonização do currículo escolar, em que mesmo após a criação da Lei 11.645/2008, ainda persiste na sociedade o predomínio da visão eurocêntrica do conhecimento e da própria história do país. Segundo Graça Graúna (2013) a literatura indígena pulsa entre nós, com uma capacidade de atravessar fronteiras e negar a sua existência é uma forma de preconceito literário, “[...] significa banalizar os direitos literários, a história de resistência e luta dos diferentes povos indígenas de que tratam (em parte) os Direitos Humanos”. (p. 56)

Portanto, concluímos que, a discussão por uma educação que valorize e reafirme as identidades indígenas e os seus saberes, a inclusão e incorporação no currículo dos conteúdos pedagógicos da própria cultura indígena e os seus processos de resistência são essenciais para se pensar em sala de aula com as crianças e jovens. Ao trabalhar com a literatura indígena em aula, o professor contribuirá para que o aluno conheça diferentes visões de mundo, além de fortalecer o universo cultural dos alunos ampliando as suas reflexões sobre a vida e o aprendizado sobre os indígenas por meio das suas histórias e vivências.

Palavras-Chave: Literatura indígena; educação infantil; *Maqueira de Tucum*; Márcia Kambeba.

CAMINHA, P. V. de. **A Carta de Pero Vaz de Caminha**. Ministério da Cultural. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf Acesso em: 19 out. 2024.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In. Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.



CANDIDO, A. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades/ Ed. 34, 2002.

DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.) **Literatura indígena brasileira contemporânea**: criação, crítica e recepção [recurso eletrônico. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

GRAÚNA, Graça. **Fios do tempo**: quase haikais. Recife, PE: Ed. da Autora: Baleia Cartonera, 2021.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

PORTO, Ana Gomes. Entre Daniel Munduruku e Cristino Wapichana: Algumas reflexões sobre a Literatura Indígena voltada para o público infantil. **Revista de Letras-Juçara**, v. 8, n. 1, p. 104-122, 2024.

ZILBERMAN, R. Que literatura para a escola? Que escola para a literatura? **Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**. v. 5, n. 1, jan/jun de 2009, p. 9-20

FIPED

